

ANÁLISE BEHAVIORISTA RADICAL DE CONCEITOS PSICANALÍTICOS¹

Marcos Antonio Congílio Martins Júnior²

Maria Martha Costa Hübner³

RESUMO

O behaviorismo radical vem sendo sistematicamente criticado desde seu surgimento (1938-1945) por psicólogos pertencentes às outras abordagens psicológicas, por filósofos, lingüistas e pelos interessados no estudo do comportamento. A maioria destas críticas mostraram-se inadequadas, talvez pelo fato do behaviorismo ter sido mal compreendido; mas uma crítica “mereceu” destaque, a do lingüista e ativista político Noam Chomsky. A psicologia da mente vem sendo reinterpretada e modificada com sucesso pelos behavioristas, e o pioneiro foi seu próprio criador, B. F. Skinner. As relações de equivalência demonstraram ser uma ferramenta importante para aprimorar tais interpretações. Self, inconsciente, ato-falho, mecanismos de defesa do ego, transferência, dentre outros, são exemplos de alguns conceitos mentalistas sobre os quais o behaviorismo demonstrou sua posição ou interpretação. Este presente trabalho mostrou algumas posições do behaviorismo em relação a alguns termos mentalistas, apresentou réplica à crítica do psicólogo existencialista Rollo May, revisou algumas réplicas em relação às críticas de Chomsky à obra *Verbal Behavior* de Skinner, além de propor possíveis novas demonstrações de interpretações do mentalismo utilizando princípios básicos da análise do comportamento e o conceito de relações de equivalências de estímulos. Para tal, foi realizado levantamento bibliográfico. Conclui-se que, de fato, o behaviorismo radical, atualmente, possui em seu repertório analítico-conceitual recursos suficientes para interpretar grande parte dos conceitos da psicologia mentalista, não sendo necessário o ecletismo teórico ou recorrer à explicação mentalista para explicar fenômenos complexos de comportamento e também aprimorar as réplicas em relação aos ataques que vem sofrendo.

Palavras-chave: Behaviorismo radical. Comportamento verbal. Equivalência de estímulos. Skinner.

ABSTRACT

Radical behaviorism has been systematically criticized by psychologists belonging to other psychological approaches, by philosophers, by linguists and by the ones interested in the study of behavior since its appearance (1938-1945). Most of the criticism seemed inadequate, because behaviorism might have been misunderstood; however, one criticism was distinctive, the one from the

¹ Este artigo é parte da monografia do curso de Especialização em Terapia Comportamental e Cognitiva: Teorias e Práticas, da Universidade de São Paulo em 2006; produzido pelo primeiro autor sob orientação da segunda.

² Especialista em Terapia Comportamental e Cognitiva pela Universidade de São Paulo. Psicólogo formado pelo Centro Universitário Padre Anchieta. Atende em consultório particular.

³ Pós-Doutorado em Análise Experimental do Comportamento – Universidade de São Paulo. Diretora do Curso de Especialização em Terapia Comportamental e Cognitiva: Teorias e Práticas. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia.

linguist and political activist Noam Chomsky. Mentalism has been re-interpreted and modified successfully by the behaviorists and the pioneer was his own creator - B. F. Skinner. Relations of equivalence demonstrated to be an important tool to improve such interpretations. The self, the unconscious, faulty action, mechanisms of ego's defense, transfer, among others, are examples of some mentalist concepts in which behaviorism showed its position or interpretation. The present paper showed some positions of behaviorism concerning some mentalist terms. The paper also presented some replies to the criticism of the existentialist psychologist Rollo May and reviewed some replies concerning Chomsky's criticism towards the work Verbal Behavior of Skinner, as well as proposing new possible demonstrations of mentalism interpretations using basic principles of behavior analysis and the concept of relations of stimulus equivalence. For such study, bibliographical database has been used. It has been concluded that, nowadays, radical behaviorism has in its analytical-conceptual repertoire enough resources to interpret great part of the concepts of the mentalism, neither being necessary the theoretical eclecticism nor the appeal for mentalist explanation to explain complex phenomena of behavior, and also, to improve the replies to the attacks it's been putting up with.

Keywords: Radical behaviorism. Verbal behavior. Stimulus equivalence. Skinner.

O interesse pelos analistas do comportamento em revisar ou interpretar conceitos de outras abordagens psicológicas à luz do Behaviorismo Radical iniciou-se com seu próprio fundador – B. F. Skinner (1938-1945). Estes trabalhos não objetivaram desqualificar, invalidar, punir ou realizar possível união entre o behaviorismo e as demais abordagens psicológicas, mas, sim, demonstrar a possibilidade de interpretar diversos conceitos utilizando-se de recursos e da linguagem Behaviorista Radical, demonstrar a posição inadequada (sem invalidá-la) que a psicologia mentalista tinha diante de determinados fenômenos e como forma de conquistar a audiência da época, composta basicamente por psicanalistas.

Atualmente, existem diversos trabalhos desta natureza publicados por autores brasileiros em forma de artigos, periódicos e em capítulos de livros. Lapsos verbais, o inconsciente, poesia, espiritualidade e metáfora são exemplos dos temas que têm sido discutidos pelo behaviorismo radical (KOHLENBERG; TSAI, 1991). São inexistentes na literatura trabalhos que reúnam e analisem algumas destas revisões e posições, sendo este o pioneiro; logo, isto tem utilidade para que principalmente os estudantes de graduação que ainda não optaram por alguma abordagem psicológica tenham a possibilidade de ter acesso ao paradigma do behaviorismo radical em relação a determinados conceitos de outras abordagens já aprendidos por eles, desfazendo alguns equívocos, enriquecendo seu repertório e auxiliando-os no comportamento de escolha. Este trabalho também tem utilidade para os pesquisadores de diversas áreas, como filosofia, medicina, sociologia, pedagogia etc., mostrando inúmeras posições ou interpretações realizadas pelos analistas do comportamento, e, além disso, encorajando futuras produções de trabalhos similares.

A pesquisa realizada neste trabalho sobre a bibliografia existente a respeito do tema pôde demonstrar (possíveis) novas interpretações sob o enfoque do behaviorismo radical no campo

filosófico e psicológico, além de rebater algumas críticas que o behaviorismo radical sofreu desde seu início, talvez por ser mal compreendido.

Ao propor a possibilidade de compreender o comportamento humano cientificamente, Skinner revisou e interpretou os fenômenos ditos “mentalistas” (como ele próprio os denominou), utilizando recursos produzidos pela Análise Experimental do Comportamento, mostrando à audiência da época esta possibilidade. Nas palavras de Skinner (1974/2004):

O behaviorismo (...) avançou. Aproveitando-se dos recentes progressos da análise experimental do comportamento, examinou ela (sic) mais de perto as condições em que as pessoas respondem ao mundo no interior de suas peles, e pode agora analisar, um por um, os termos-chaves do arsenal mentalista... (SKINNER, 1974/2004, p. 32).

Banaco (2005) considera que as outras abordagens sempre têm uma resposta para tudo, e a análise do comportamento deixa muitas “portas” abertas para serem estudadas; estas respostas são geralmente explicações “espúrias” de comportamento.

Skinner, em sua obra *Ciência e Comportamento Humano*, publicada em 1953, diz da importância e da possibilidade de estudar o comportamento humano utilizando-se do método científico. Anteriormente, o comportamento animal havia sido estudado cientificamente pelo russo Ivan Pavlov (condicionamento clássico ou respondente) e pelo behaviorismo metodológico fundado pelo norte-americano John Watson (1913). Skinner descobre o condicionamento operante, que se tornou uma ferramenta poderosa para a compreensão do comportamento humano, e defende uma nova forma de behaviorismo - o radical.

Alguns analistas do comportamento brasileiros também contribuíram neste trabalho interpretativo de conceitos de outras abordagens. Seus trabalhos foram publicados principalmente na coleção *Sobre Comportamento e Cognição* e apresentados em congressos, como a ABPMC (Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental), SBP (Sociedade Brasileira de Psicologia) e na ABA (Association Behavior Analysis), nos E.U.A.

Foi apresentada neste trabalho a definição de relações de equivalência de estímulos proposta por Murray Sidman (1971), que se tornou um recurso poderoso para aprimorar a interpretação de alguns fenômenos no campo do comportamento simbólico e verbal e também para responder a algumas críticas.

POSIÇÕES DO BEHAVIORISMO RADICAL

“[...] o que o behaviorismo rejeita é o inconsciente como um agente, e está claro que também rejeita a mente consciente como um agente” (SKINNER, 1974/2004, p.133).

Os psicanalistas afirmavam que o behaviorismo radical não apresentava recursos para analisar o inconsciente. De acordo com Fadiman e Frager (1940), a premissa inicial de Freud era de que há conexões entre todos os eventos mentais. Quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precedem, as conexões estão no inconsciente. Uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade está resolvida.

É interessante notar que, mesmo os psicanalistas afirmando que o behaviorismo nega ou não tem recursos para analisar o inconsciente, Skinner (1974/2004) relata sua posição:

A divisão mais bem conhecida da mente é a que existe ter o consciente e o inconsciente; desejos e temores reprimidos residem no inconsciente, mas podem irromper na mente consciente. Diz-se amiúde, particularmente os psicanalistas, que o behaviorismo não pode haver-se com o inconsciente. (grifo meu). O fato é que, para começar, ele não se avém (sic) com outra coisa. As relações controladoras entre o comportamento e as variáveis genéticas e ambientais são todas inconscientes, de vez que não são observadas, e foi Freud quem acentuou não carecerem elas de ser observadas (isto é, de serem conscientes) para serem eficazes. Faz-se mister um ambiente verbal especial para impor consciência ao comportamento, induzindo uma pessoa a responder a seu próprio corpo enquanto age. Se a consciência parece ter um efeito causal, trata-se do efeito do ambiente especial que a induz à auto-observação (SKINNER, 1974/2004, p. 133).

De acordo com T. Júnior e Souza (2006), “consciência” é o nome usado para indicar situações em que um organismo se encontra em estado de vigília; quando emite atos sobre algum evento; ou quando discrimina variáveis de controle de algum comportamento.

Podemos notar que ao interpretar o inconsciente, Skinner não utilizou conceitos ditos “mentalistas” e nem necessitou recorrer a explicações produzidas pelo método introspectivo. De acordo com Baum (1994/1999):

... o termo mentalismo foi adotado por B. F. Skinner para se referir a um tipo de “explicação” que na verdade não explica nada. Suponha que você pergunte a um amigo por que ele comprou um par de sapatos e a resposta seja “comprei porque quis”, ou “comprei por impulso”. Embora essas afirmações soem como explicações, você na verdade não avançou nada em relação a sua pergunta. Essas “não explicações” são exemplos de mentalismo (BAUM, 1994/1999, p. 47).

No mentalismo, o acesso às idéias ou imagens se faria somente através da introspecção, que seria então revelada através de uma ação, gesto ou palavra. Temos aqui um modelo causal de ciência: (a) o indivíduo passivo recebe impressões do mundo; (b) estas impressões são impressas na sua mente constituindo sua consciência; (c) que é então a entidade agente responsável por, ou local onde ocorrem, processos responsáveis por nossas ações (MATOS, 1995). Uma explicação mentalista atribui a um “eu” iniciador, que está dentro do organismo, como sendo o responsável pelo comportamento, desprezando as variáveis ambientais onde o comportamento é função.

De acordo com o *GRANDE DICIONÁRIO Larousse Cultural* (1995), a introspecção é a atividade de um indivíduo que presta atenção a seus próprios estados e atividades internas, eventualmente a fim de falar sobre eles, ou estudo da consciência por si mesma. Skinner defendia a análise experimental do comportamento como método para compreender o comportamento humano, pois o método introspectivo havia demonstrado ineficiência e/ou inefetividade.

Em relação ao método introspectivo, Skinner (1989) diz:

A introspecção já não é muito mais usada. Os psicólogos cognitivistas podem ver representações e podem até defender que são as únicas coisas que podem ser vistas, mas eles não afirmam que podem ver a si mesmos processando-as. Em vez disso, assim como os psicanalistas, que enfrentam o mesmo problema com os processos que não podem ser vistos porque são

inconscientes, eles têm de se voltar para a teoria. Entretanto, teorias necessitam de confirmação (SKINNER, 1989, p. 3).

O behaviorismo propunha um novo método de estudo do comportamento humano – o científico.

O comportamento é uma matéria difícil, não porque seja inacessível, mas porque é extremamente complexo. Desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizada para observação. É mutável, fluido e evanescente, e, por esta razão, faz grandes exigências técnicas de engenhosidade e energia do cientista (Skinner, 1953/2003).

Skinner, ao invés de desqualificar contribuições da Psicanálise, reconhece Sigmund Freud citando-o em seu argumento para afirmar a importância da ciência como método para estudar e compreender o comportamento humano.

Nas palavras de Skinner (1953/2003):

A ciência é uma disposição de aceitar os fatos mesmo quando eles são opostos aos desejos. Os homens refletidos talvez tenham sempre sabido que somos propensos a ver as coisas tal como as queremos ver, em vez de como elas são; contudo, *graças a Sigmund Freud*, (grifo meu) somos hoje muito mais cômicos das deformações que os desejos introduzem no pensar. O oposto do “pensar querendo” é a honestidade intelectual - um predicado extremamente importante do cientista bem-sucedido (SKINNER, 1953/2003, p. 13).

Em relação a alguns mecanismos de defesa freudianos, como repressão, sublimação e conversão, Skinner mostra a visão que o behaviorismo radical tem destes mecanismos de forma interpretativa.

Em relação à repressão, Skinner (1974/2004) diz:

Repressão: “Um processo ou mecanismo de defesa do ego pelo qual desejos e impulsos incapazes de serem satisfeitos são mantidos fora da consciência ou tornados inacessíveis a ela”. Em vez de “desejos ou impulsos” leia-se “probabilidade de comportamento”; em vez de “incapazes de serem satisfeitos” leia-se “extintos ou punidos”; e em vez de “mantidos fora da consciência ou tornados inacessíveis a ela” leia-se “não observado introspectivamente” (SKINNER, 1974/2004, p.134).

Em relação à sublimação, Skinner (1974/2004) diz:

Sublimação: “Uma descarga de energia instintiva, e especialmente daquela associada com impulsos pré-genitais, por meio de atividades socialmente aprovadas”. No lugar de “descarga de energia por meio de atividades” leia-se “comportamento”, e em vez de “instintivo” e “associada com impulsos pré-genitais” leia-se “devida a certos reforçadores biológicos”. Se duas formas de comportamento são ambas reforçadas e se apenas uma delas é punida, é mais provável que ocorra a outra (...) (SKINNER, 1974/2004, p. 136).

Em relação à conversão, Skinner (1974/2004) diz:

Conversão: “A transformação de um conflito inconsciente num sintoma somático simbolicamente equivalente”. Uma das mais dramáticas manifestações do suposto poder da vida mental é a produção de doença física. Assim como se diz que uma idéia na mente move os músculos que a expressam, assim também se diz que as atividades não-somáticas da psique afetam o soma. Afirma-se, por exemplo, que as úlceras são produzidas por uma raiva “internamente dirigida”. Deveríamos dizer, antes, que a condição sentida como raiva está medicamente relacionada com a

úlcera e que uma situação social complexa provoca as duas. Da mesma forma, quando se diz que um aborto espontâneo se deve a uma possível aversão inconsciente pela criança ou por seu pai, podemos, em vez disso, dizer que a condição sentida como aversão está medicamente relacionada com o aborto e deve, por sua vez, ser atribuída a uma situação social complexa. A úlcera e o aborto são “simbolicamente equivalentes” à raiva e à aversão na medida em que estão associados com uma alta probabilidade de causar danos. A conversão não demonstra que a mente domine a matéria; o psíquico não muda o físico. As condições físicas, muitas delas relevantes para o comportamento e sentidas de várias maneiras, acarretam efeitos físicos (médicos) (SKINNER, 1974/2004, p. 135-136.)

Pode-se afirmar que um comportamento é “inconsciente” quando o sujeito não identificou as variáveis controladoras; quando forem (variáveis) identificadas, o comportamento torna-se “consciente”.

O SELF

Podemos encontrar na literatura várias definições de self. Pode-se encontrar em vários trechos da obra de Jung as seguintes declarações a respeito do self, como:

consciente e inconsciente não estão necessariamente em oposição um ao outro, mas complementam-se mutuamente para formar uma totalidade: o self (grifo meu) (JUNG, 1928, p. 53 na ed. bras.).

o self não é apenas o centro, mas também toda a circunferência que abarca tanto o consciente quanto o inconsciente; é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência (JUNG, 1936, p. 4).

Rogers conclui que a idéia do eu “não representa uma acumulação de inumeráveis aprendizagens e condicionamentos efetuados na mesma direção... (FADIMAN; FRAGER, 1986). Essencialmente, é uma gestalt cuja significação vivida é suscetível de mudar sensivelmente (e até mesmo sofrer uma reviravolta) em consequência da mudança de qualquer destes elementos” (ROGERS, 1959, p. 167 na ed. bras.). O self ideal é “o conjunto das características que o indivíduo mais gostaria de poder reclamar como descritivas de si mesmo” (ROGERS, 1959, p. 165 na ed. bras.).

O conceito de Self para a psicologia da Gestalt pode ser exemplificado nesta citação:

A noção de “self” ou “eu”, para Perls, não é estática e objetivável; “eu” é simplesmente um símbolo para uma função de identificação. O “eu” identifica-se com qualquer que seja a experiência emergente da figura em primeiro plano; todos os aspectos do organismo saudável (sensorial, motor, psicológico e assim por diante) identificam-se temporariamente com a gestalt emergente, e a experiência do “eu” é essa totalidade de identificações (...) (FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 141).

Para William James (1890/1986), o Self seria:

No mais amplo sentido possível, entretanto, o self de um homem é a soma de tudo o que ele PODE chamar de seu, não apenas seu corpo e suas forças psíquicas, mas suas roupas e sua casa, sua esposa e filhos, seus ancestrais e amigos, sua reputação e seu trabalho, suas terras e seus cavalos, os iates e as contas bancárias. Todas essas coisas lhe dão as mesmas emoções. Se elas crescem e prosperam, ele se sente triunfante; se elas minguam e desaparecem, ele se sente deprimido - não

necessariamente no mesmo grau por cada coisa, mas na maioria das vezes da mesma forma para todas (JAMES apud FADIMAN; FRAGER, 1980/1986, p. 291-292).

Maslow define-o como a essência interior da pessoa ou sua natureza inerente - seus próprios gostos, valores e objetivos. Compreender a própria natureza interna e agir de acordo com ela é essencial para atualizar o Self (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Para Reich, o Self é o núcleo biológico saudável de cada indivíduo. A maioria das pessoas não está em contato com o Self por causa da couraça física e das defesas psicológicas (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Adler (1956/1986), dissidente de Freud e fundador da Psicologia Individual, diz em relação ao Self:

Na vida real, sempre encontramos uma confirmação da melodia do self total, da personalidade, com suas diversas ramificações. Se acreditarmos que o fundamento, a base última de tudo, está nos traços de caráter, impulsos ou reflexos, é provável que estejamos deixando o self de lado. Autores que enfatizam uma parte do todo, provavelmente atribuem a essa parte todas as aptidões e observações pertencentes ao self, ao indivíduo. Eles mostram “algo” que é dotado de prudência, determinação, volição e poder criador sem saber que estão, na verdade, descrevendo o self, ao invés de impulsos, traços de caráter ou reflexos (ADLER apud FADIMAN; FRAGER, 1956/1986, p. 157).

Podemos notar que existem diversos conceitos de Self provenientes de outras abordagens psicológicas; o que todos estes conceitos possuem em comum é o fato de usarem explicações mentalistas, atribuindo a um agente interno iniciador (Self) do comportamento. Quando não foram identificadas as variáveis que controlam o comportamento, responsabilizam o Self por causá-lo, rejeitando a análise científica.

Rejeitar uma análise científica do comportamento humano é deixar de avançar na posição em que nos encontramos agora. E continuar a abordagem mecanicista, característica da maior parte da psicologia contemporânea, referencial que separa pessoas em comportamento e algum outro sistema mais fundamental, não traz nenhum novo conhecimento nas maneiras pelas quais as pessoas interagem com seu ambiente. Explicações dentro desse referencial ocorrem em abordagens que criam (inventam) constructos hipotéticos, tais como: self, motivação, atitude, atribuição, rede semântica, teoria da mente e assim por diante (CHIESA, 1994).

Skinner (1989), em um discurso realizado na APA (American Psychological Association), compara o cognitivismo com o criacionismo:

[...] a biologia ainda não pode ser apropriadamente ensinada nos EUA, porque aqueles que se denominam criacionistas ou cientistas da criação ainda se opõem a ela, como um tipo de ameaça. Se digo que os psicólogos, ao buscar esse self ou mente internos estão perdendo seu tempo, vocês podem achar que sou arrogante. Se digo isso dos filósofos que, através dos séculos, têm tentado descobrir a si próprios nesse sentido, então estou sendo arrogante. Gostaria de chamar atenção para o fato de que homens e mulheres tão ou até mais brilhantes têm tentado, por um período de tempo muito mais longo, estabelecer a existência e a natureza de um outro Criador (...). Esse é um grande problema e vocês sabem como tem sido difícil para que a seleção natural seja aceita. Imaginem quão difícil será para a seleção individual por conseqüências do comportamento operante ou para outras

culturas evolucionárias e os outros tipos de seleção que assumem um papel de um self ou mente criativos. No que me diz respeito, a ciência cognitiva é o criacionismo da psicologia. (grifo meu) É um esforço para retomar o self ou mente internos, iniciadores, criativos, que numa análise científica simplesmente não existem (SKINNER, 1989).

O ATO FALHO

No Brasil, também existe este tipo de trabalho sendo realizado por analistas do comportamento. Um exemplo é a interpretação de um conceito psicanalítico chamado ato falho. O ato falho é definido como um desejo real que foi reprimido no inconsciente e este desejo se expressa no lugar da intenção. Vandenberghe (2002) diz:

Muitas vezes, o ato-falho está sob controle de uma consequência que o sujeito não pode discriminar verbalmente como alvo da sua ação. Admitir para os outros, e talvez para si mesmo, que tal evento é um reforçador, traria consequências muito aversivas. (VANDENBERGHE, 2002, p. 228).

De acordo com o vocabulário de Análise do Comportamento (2006), o ato falho é a emissão pública de uma resposta verbal sob controle de estímulos privados, no lugar de uma resposta verbal que usualmente é reforçada pela audiência.

Podemos notar que o behaviorismo radical traduziu ou interpretou este conceito psicanalítico sem necessidade de utilizar o mentalismo.

EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS

O estudo sobre a formação de classes de equivalência tem sido freqüentemente relacionado às explicações sobre o aparecimento da linguagem (DEVANY; HAYES; NELSON, 1986; SIDMAN, 1997; HALL; CHASE, 1991).

O altamente estudado procedimento de treino de equivalência de estímulos gera controle de estímulos simbólico produtivo. E todos os analistas do comportamento parecem concordar que a produtividade da equivalência de estímulos e a linguagem estão relacionadas. (MALLOT, 2003). “Classe de estímulos equivalentes” é uma expressão empregada para designar a classe composta por estímulos permutáveis em determinados contextos (ROSSIT; FERREIRA, 2003).

De acordo com Sidman (1997), as contingências de reforço produzem as relações de equivalência, portanto, tais contingências determinam o agrupamento dos elementos da contingência positivamente reforçada em classes, possibilitando o intercâmbio. Um exemplo para demonstrar a formação de uma classe de equivalência é o procedimento de pareamento com o modelo (Matching-to-Sample), onde a palavra falada “maçã” é o modelo, e, a partir de uma resposta a este modelo, apresentam-se quatro estímulos: um desenho de uma casa, de um carro, de um par de tênis e de um elefante. A palavra falada “maçã” se relaciona com o desenho da maçã como um estímulo discriminativo para o comportamento de apontar, e todos os outros estímulos como “Sd’s” para este comportamento. Logo, os comportamentos de apontar para a figura da maçã serão respondidos com reforçamento, quanto ao comportamento de apontar os outros estímulos, não ocorre reforçamento, entrando em extinção. Então, o sujeito aprenderá que dizer “maçã” equivale ao desenho desta,

mesmo sem ter visto uma maçã. Este procedimento visa estabelecer discriminação condicional entre a palavra falada e a escrita formando uma classe de equivalência.

Para que as relações de equivalência existam, devem obedecer três propriedades derivadas da matemática, que são: reflexividade, simetria e transitividade.

REFLEXIVIDADE

Para determinar se uma relação condicional é reflexiva, deve-se demonstrar que cada estímulo apresenta uma relação com ele mesmo: ARA, BRB e CRC (se A, então A, se B, então B e se C, então C) (HÜBNER-D'OLIVEIRA, 1990).

SIMETRIA

Uma relação é simétrica quando seu inverso também é verdadeiro, ou seja, se há a relação ARB, então BRA de ser verdadeira. Em termos comportamentais, seria a habilidade de parear o modelo A ao estímulo de escolha B, dentre outros, e vice-versa: diante do modelo B, escolher o estímulo A, dentre outros, sem que tenha havido treino nesse segundo conjunto de pareamentos (HÜBNER-D'OLIVEIRA, 1990).

TRANSITIVIDADE

Uma vez estabelecidas as relações “se A, então B” e “se B, então C”, a transitividade estará demonstrada na relação “se A, então C”. Seria, em termos comportamentais, a habilidade em demonstrar a relação condicional entre A e C, sem que tenha sido treinada, após o ensino das relações “se A, então B” e “se B, então C” (HÜBNER-D'OLIVEIRA, 1990).

Existem diferenças entre a discriminação condicional e as relações de equivalência. De acordo com HÜBNER- D'OLIVEIRA (1990):

A discriminação condicional especifica uma definição de procedimento das relações entre estímulo: se A1 então B1, por exemplo, se A2 então B2, se A3 então B3. Nessas relações não está suposta uma equivalência entre A1 e B1, entre A2 e B2 e entre A3 e B3. Ensinar a uma criança a relação se é sábado, então é dia de feira, não significa, necessariamente, que sábado e feira sejam sinônimos, que sejam “equivalentes” (HÜBNER-D'OLIVEIRA, 1990, p. 6).

O comportamento textual ou leitura oral ocorre quando o sujeito, por exemplo, diante do estímulo discriminativo livro repete em voz alta a palavra livro.

A leitura oral não envolve necessariamente, compreensão. Dá-se como exemplo o fato de alguém ser capaz de ler em voz alta palavras numa língua estrangeira, sem entendê-las (HÜBNER-D'OLIVEIRA,1990). Compreender um texto significa formar classes de estímulos equivalentes. De acordo com de Rose (1993):

... dizer que uma palavra tem um significado implica em que esta palavra é um estímulo equivalente a um conjunto de estímulos, que correspondem a

objetos, eventos, qualidades ou ações. Esta classe de estímulos a que a palavra se tornou equivalente é o seu significado. Estas relações de equivalência permitem a produção e a compreensão da linguagem (grifo meu) (DE ROSE, 1993, p. 294).

Podemos perceber que as relações de equivalência, além de explicar como os indivíduos compreendem um texto, propiciaram o desenvolvimento de tecnologias de ensino para ensinar indivíduos com ou sem dificuldades de aprendizagem. Outra possível utilidade é interpretar alguns fenômenos comportamentais explicados por outras abordagens psicológicas no campo da linguagem, já que a emergência de relações sem reforçamento explica o que Chomsky acreditava que o behaviorismo (ou Teoria do Reforço) não explicava, como será analisado neste trabalho.

CRÍTICA DE NOAM CHOMSKY

Essencialmente, as preocupações de Chomsky se referem à produtividade lingüística – como podemos entender uma sentença que nunca havíamos ouvido antes; e como podemos dizer uma sentença com significado que nunca dissemos ou ouvimos antes? (MALLOT, 2003, p. 12).

Na obra *Verbal Behavior* (1957), de Skinner, observam-se inúmeros conceitos (extensão metafórica e metonímica, tato, autoclíticos descritivos, etc.) que objetivaram explicar comportamentos verbais complexos, anteriormente explicados pela psicologia mentalista. Skinner recebeu muitas críticas após ter publicado o livro, sendo a mais importante a do ativista político e lingüista Noam Chomsky.

Chomsky (1959) argumenta que os conceitos apresentados por Skinner não explicam a aquisição e uso da linguagem, principalmente quando se trata de comportamentos que são emitidos pela primeira vez sem treino específico.

Mallot (2003), considerou a crítica de Chomsky sábia e completa, sendo uma crítica devastadora da teoria comportamental.

De acordo com Mallot (2003):

Mas nem mesmo o Comportamento Verbal (1957), de Skinner, conectou os pontos entre a caixa de Skinner e a linguagem humana com detalhes suficientes para convencer o brilhante lingüista Noam Chomsky. E ainda que Chomsky tenha nascido com uma necessidade de estripar o rato de Skinner, sua revisão crítica da teoria comportamental da linguagem, de Skinner, estava longe de ser falsa, longe de ser desinformada (...). Essencialmente, as preocupações de Chomsky se referem à produtividade lingüística – como podemos entender uma sentença que nunca havíamos ouvido antes; e como podemos dizer uma sentença com significado que nunca dissemos ou ouvimos antes? (MALLOT, 2003, p. 2).

Na época da publicação da obra *Verbal Behavior* (1957) e da crítica de Chomsky (1959/1967), a análise conceitual do comportamento ainda não tinha em seu arcabouço teórico o conceito de relações de equivalência de estímulos; este conceito surgiu em 1971 com Sidman. Os analistas do comportamento tentavam replicar as críticas de Chomsky com explicações simplistas.

De acordo com Malott (2003):

Essas são questões profundas, para as quais nós, analistas de comportamento, temos dado respostas simplistas, na maior parte do tempo – generalização de estímulos? Talvez, mas onde estão os pontos de ligação? E a simplicidade, à qual falta essa conexão entre os pontos, das nossas respostas a essas profundas questões, tem servido de combustível para que muitas pessoas de pouca fé recorram a respostas mentalistas e cognitivistas, em detrimento das explicações da análise do comportamento (MALOTT, 2003, p. 2).

Graças a Sidman (1971), o qual enriqueceu o repertório dos analistas do comportamento com o conceito de relações de equivalências de estímulos, as explicações deixaram de ser simples, e, a partir de então, este conceito possibilitou explicar como seres humanos verbais formam e/ou falam novas sentenças sem história de reforçamento, replicando as críticas de Chomsky, mesmo ele afirmando que isto era impossível. De acordo com Chomsky (1967):

Em outras palavras, eu não vejo qualquer maneira pela qual suas propostas possam ser substancialmente melhoradas dentro do escopo geral do behaviorismo ou neobehaviorismo, ou, de maneira mais geral, dentro do escopo das idéias empiristas que têm dominado boa parte da lingüística, psicologia e filosofia (CHOMSKY, 1967, p.142).

Apesar de esta crítica ser relevante, as propostas behavioristas foram sendo sistematicamente aprimoradas através de estudos realizados em relações de equivalência de estímulos, como os de Sidman (1971) e Hübner (1990), que demonstraram como ocorre emergência de relações de equivalência sem reforçamento ou treino específico, o que possibilitou replicar a crítica de Chomsky, como veremos a seguir.

Estudo de Sidman (1971):

No diagrama do estudo de Sidman (ver Figura 1), realizado com adolescentes com deficiência mental, a seta contínua grossa (BD) representa relações de pareamento que os Ps já dominavam antes do início do experimento, ou seja, eram capazes de nomear as figuras que lhes foram apresentadas (MEDEIROS; SILVA, 2002). As setas contínuas finas representam relações que lhes foram ensinadas: a seta AB indica que foram capazes de, frente a palavras ditadas, escolher as figuras correspondentes, e a seta AC indica que foram capazes de selecionar uma palavra impressa frente a uma palavra ditada. As setas tracejadas indicam que, em decorrência do ensino, os adolescentes foram capazes de emparelhar palavras impressas com suas respectivas figuras (CB), de emparelhar figuras com seus respectivos nomes (BC) e de ler oralmente (CD) (MEDEIROS; SILVA, 2002).

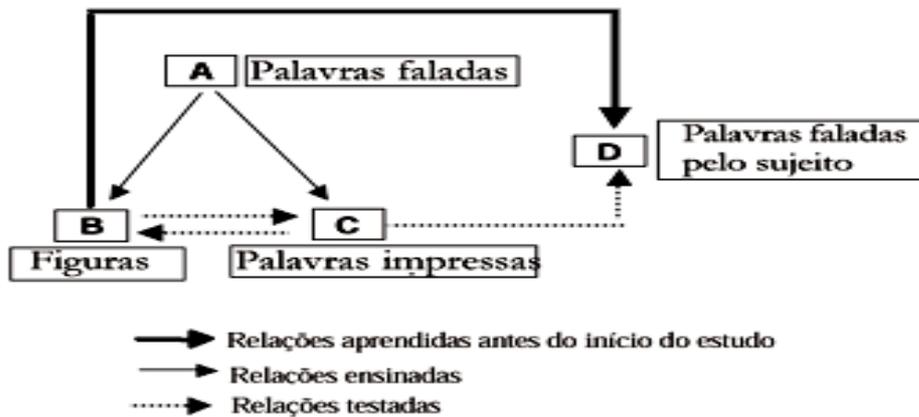


Figura 1¹. Diagrama do experimento realizado por Sidman (1971).

Os resultados obtidos por Sidman sugerem que se uma pessoa aprende, através do procedimento de discriminação condicional, as relações entre palavra falada e figura (AB), entre palavra falada e palavra impressa (AC), as relações CB (entre palavra impressa e figura), BC (entre figura e palavra impressa) e CD (entre palavra impressa e palavra falada pelo participante [P]) podem emergir sem que elas tenham sido diretamente ensinadas. Nesse sentido, o paradigma de equivalência de estímulos tem sido bastante utilizado, à medida que oferece bases para uma análise comportamental de comportamentos emergentes (MACKAY, 1985; SIDMAN, 1990).

Estudo de Hübner (1990):

O estudo demonstrou como ocorre a emergência de relações de equivalência de estímulos sem reforçamento em crianças. Neste estudo, as crianças, na presença de uma palavra impressa tinham que apontar para a figura correspondente, que representava graficamente um objeto do cotidiano. As crianças faziam também o oposto. Os sujeitos acertaram 12 vezes (100% de acerto, Estudo 1), 18 vezes (100% de acertos, Estudo 2), na presença de um conjunto de estímulos BC e CB, 15 vezes (100% de acertos, Estudo 2 – segunda parte), na presença de um conjunto de estímulos B'C' e C'B', e mais 15 vezes, com 100% de acertos, na presença de um terceiro conjunto de estímulos B''C'' e C''B'', com um dos sujeitos do Estudo 2 – segunda parte. Todas as crianças acertaram sem terem tido treino específico ou reforçamento; acertaram porque os estímulos verbais, tais como as figuras, palavras impressas e os nomes orais a eles associados, tornaram-se equivalentes, intercambiáveis, como descreve o paradigma de equivalência. Os testes de reflexividade, simetria e transitividade demonstraram essa equivalência (HÜBNER-D'OLIVEIRA, 1990).

Analisando a obra skinneriana, também é possível responder à crítica de Chomsky. De acordo com Justi e Araújo (2004), considerando a formação e a "compreensão" de novas sentenças, vejamos, por exemplo, a análise que Skinner faz da conjugação do passado do verbo inglês 'to go'. De acordo com ele, tem-se argumentado que a criança conjuga o tempo passado do verbo 'to go'

como 'goed', ao invés da forma correta 'went' (mesmo, provavelmente, nunca tendo ouvido a forma 'goed'). Para Skinner (1974), é possível que o 'ed' da resposta 'goed' seja "(...) um operante separável, como um indicador do tempo passado ou de uma ação completada". Uma vez que a combinação de operantes está dentro do escopo da teoria skinneriana e faz parte de interpretação behaviorista dos comportamentos complexos, não é tão difícil vislumbramos como um behaviorista pode explicar a "compreensão" de novas sentenças através da combinação de operantes diferentes.

CONTRIBUIÇÃO (POSSÍVEL)

"[...] Não obstante, mesmo aqueles, estribados apenas no fluxo natural do intelecto, não empregaram nenhuma espécie de regra, tudo abandonando à aspereza da meditação e ao errático e perpétuo revolver da mente" (BACON, 1627/1999, p. 27).

Um exemplo de um agente interno controlando o comportamento seria este comportamento verbal emitido pelo filósofo Nietzsche, o qual influenciou vastamente a psicologia existencial. Nesta passagem, Nietzsche diz:

A alma, em sua essência diz a si mesma: ninguém poderá construir a ponte que você em particular terá de atravessar sobre o rio da vida – ninguém além de você mesmo. Evidentemente existem inúmeros caminhos e pontes e semideuses prontos para transportá-lo através do rio, mas somente ao preço do seu próprio ser. Em todo o mundo, existe um único caminho que ninguém além de você poderá tomar. Para onde leva? Não pergunte, apenas siga-o. (NIETZSCHE apud MAY, 1983/1993, p. 88).

Interpretando em termos comportamentais, segue-se:

...ninguém poderá construir um repertório de comportamento que você em particular terá que adquirir para obter reforçadores – ninguém além de você mesmo. Evidentemente existem inúmeras regras e repertório e pessoas que foram reforçadas positivamente no passado prontos para lhe dizer a respeito das regras que conduzam ao reforço, mas somente as contingências modelaram seu comportamento. Em todo o mundo, existe um único repertório que ninguém além de você mesmo deve emitir para obter reforçadores. Como construí-lo? Não fique sob controle de minha regra, apenas comporte-se...

Para interpretar o comportamento verbal do filósofo em questão, foi utilizado como recurso o conceito de comportamento controlado por regras e por contingências. Nesta citação, o filósofo nos adverte que não basta ficarmos apenas sob controle das regras estabelecidas pela comunidade verbal para obter reforçadores positivos, mas também devemos ficar sob controle das contingências que estão operando, sendo estas aversivas ou reforçadoras. Apenas foram retirados termos como "ser" (mentalista), para ser possível interpretar à luz do behaviorismo radical.

¹ Fonte: Medeiros e Silva (2002). Efeitos de Testes sobre a Generalização em Crianças em Processo de Alfabetização. *Psicologia Reflexão e Crítica*. (3), p. 588.

Skinner (1953) definiu como regra o estímulo discriminativo verbal que indica uma contingência. Dizer que um comportamento é “controlado” por uma regra é dizer que está sob controle do estímulo regra, e que a regra é um certo tipo de estímulo discriminativo – um estímulo discriminativo verbal. O comportamento controlado por regras sempre envolve duas contingências: uma a longo prazo, a contingência *última* – a razão primeira da regra – e outra a curto prazo, a contingência *próxima* do reforço por seguir regra (BAUM, 1994/1999).

CONCLUSÕES GERAIS

Este presente trabalho teve várias funções, como: revisar a posição e a interpretação do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner diante dos conceitos de inconsciente, mecanismos de defesa do ego, Self e ato falho; demonstrar como o conceito de relações de equivalência de estímulos se tornou um recurso fundamental para explicar fenômenos verbais, além de ter utilidade como réplica à crítica de Noam Chomsky.

Tornou-se claro que o Behaviorismo Radical, atualmente, possui em seu repertório analítico-conceitual recursos suficientes para interpretar grande parte dos conceitos da psicologia mentalista. Quando Skinner deu início aos estudos do comportamento verbal, recebeu uma importante crítica do lingüista e ativista político Noam Chomsky; embora Skinner a tenha replicado, isto não “convenceu” a audiência mentalista da época, por julgarem sua réplica “simplista”. Os estudos sobre relações de equivalência demonstraram como o sujeito forma novas sentenças ou emite novas palavras sem ter ocorrido reforçamento; este estudo permitiu aprimorar as explicações referentes ao comportamento verbal e replicar sistematicamente a crítica de Chomsky.

Utilizando-se da linguagem proveniente dos princípios básicos da análise do comportamento, é possível interpretar, revisar, explicar e aprimorar escritos filosóficos, como foi demonstrado neste trabalho a respeito da citação do filósofo Nietzsche. Conclui-se que não há necessidade de emitir explicações mentalistas para conceituar comportamentos verbais, mesmo que estes sejam “rebuscados”.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, G. J. A, BAPTISTA, M. Q. G., KATO, O. M., CARDOSO, D. G. Equivalência de estímulos após treino de pareamento consistente de estímulos com atraso do modelo. *Estudos de Psicologia*, 2003, (8), 63-73.
- BACON, Francis. Aforismos sobre a interpretação da natureza e do reino do homem [Trad. José Aluysio Reis de Andrade]. Em: *Coleção os pensadores – Bacon* (p. 34). São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1999. Publicado originalmente em 1620.
- BANACO, R. A. *Aula*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- _____. *Conversando com Roberto Alves Banaco*, Campinas: Yourubá produções audiovisuais, 2005. DVD-ROM.

- BAUM, W. M. *Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cognição*. [Trad. Silva, M. T. A., Matos, M. A., Tomanari, G. Y., Tourinho, E. Z.] Porto Alegre: Artmed, 1999. Publicado originalmente em 1994.
- CHIESA, Mecca. *Radical behaviorism: the philosophy and the science*. [Trad. Guilhardi, H. J. e Queiroz, P. P.]. Boston: Authors Cooperative, Inc., Publishers, 1994.
- DE ROSE, J. C.. Classes de estímulos: implicações para uma análise comportamental da cognição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1993, 9(2), 283-303.
- HÜBNER-D'OLIVEIRA, M. M. H. *Estudos em relações de equivalência: uma contribuição à investigação do controle por unidades mínimas na aprendizagem de leitura com pré-escolares*. Dissertação de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1990.
- FADIMAN, James & FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. [Trad. Odette de Godoy Pinheiro]. São Paulo: HARBRA Ltda., 2002. Publicado originalmente em 1939.
- JÚNIOR, R. R. T., & DE SOUZA, M. A. O. *Vocabulário de análise do comportamento: um manual para consulta para termos usados na área*. Santo André: ESETec Editores Associados, 2006.
- JUSTI, F. R & ARAÚJO, S. F. Uma Avaliação das Críticas de Chomsky ao verbal behavior à Luz das Réplicas Behavioristas. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 2004, (20). 267-274.
- KOHLBERG, R. J. & TSAI, Mavis. Psicoterapia analítica funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas. [Trad. Comte, F., Delitti, M., Brandão, M. Z. S., Oerdyk, P. R., Kerbauy, R. R., Wielenska, R. C., Banaco, R. A., Starling, R.]. (pp.19-50). Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2004. Publicado originalmente em 1991.
- MALLOT, R. W. Análise de comportamento e produtividade lingüística. *Terapia por Contingências de Reforçamento*, 2004. [Trad. Hélio José Guilhardi e Noreen Campbell de Aguirre]. Disponível em: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/outros/analise_comportamento_produtividade_linguistica.pdf>. Acesso em: 20 set. 2006, 19:30:40.
- MATOS, M. A. O Behaviorismo Metodológico e suas relações com o Mentalismo e o Behaviorismo Radical. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição – Aspectos teóricos, metodológicos e de formação*, (pp. 57-69). v.1. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2001.
- MAY, Rollo. A descoberta do ser. [Trad. Cláudio G. Somogyi]. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, (pp. 88-90). Publicado originalmente em 1983.
- MEDEIROS, J. G & SILVA, R. M. F. Efeitos de Testes sobre a Generalização em Crianças em Processo de Alfabetização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 2002, (3), 587-602.
- MICHELETTO, N. & BAGAILOLO, L. F. Fading e Exclusão: Aquisição de Discriminações Condicionais e Formação de Classes de Estímulos Equivalentes. *Temas em Psicologia da SBP*, 2004, (12), 168-185.
- SIDMAN, Murray. *Equivalence relations and behavior: a research story*. Boston, MA: Authors of cooperative, Inc, 1994.
- SKINNER, B. F. Can psychology be a science of mind? [Trad. Hélio J. Guilhardi e André L. Jonas]. *American Psychologist*, 1990, 45 (11), pp.1206-1210.

_____.Ciência e comportamento humano. [Trad. Todorov, J. C. e Azzi, R]. São Paulo: Martins Fontes. Publicado originalmente em 1953.

_____.Questões recentes na análise comportamental. [Trad. Anita Liberalesso Neri] (p. 75). São Paulo: Papyrus editora, 2003. Publicado originalmente em 1989.

_____.Sobre o behaviorismo.[Trad. Maria da Penha Villalobos]. São Paulo: Cultrix, 2004. Publicado originalmente em 1974.

_____.Discurso na American Psychological Association. Campinas: Yourubá produções audiovisuais, 2004. DVD-ROM.

VANDENBERGHE, Luc . O ato falho. Em H. E. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), Sobre Comportamento e Cognição – Contribuições para a Construção da Teoria do Comportamento (pp. 226-231) v.9. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2002.